

MACUNAÍMA - ORIGEM DO DISCURSO, DISCURSO DA ORIGEM

"No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho"
Carlos Drummond de Andrade

"E eu digo-te que tu és Pedro,
e sobre esta pedra
edificarei a minha igreja..."
Evangelho segundo Mateus

"No meio do meu caminho
sempre haverá uma pedra
plantarei a minha casa
numa cidade de pedra"
Fernando Brant

"No princípio, era o Verbo..."
Evangelho segundo João

O RETORNO A MUIRAQUITÃ

O discurso em Macunaíma é um discurso sobre a origem. Origem do próprio discurso. E é o discurso mesmo que vai perseguir esse fundamento, ao se instituir em redor da muiraquitã - pedra - pedra que se nos apresenta arcaicamente em formato de primitivo gênero.

Muyraquitán. Muraquêitã. Muiraquitán.

Traço fundamental do texto transfigurado em pedra, fundamental, retirada de uma cadeia de significação, para ser remetida a outra. A pedra.

"E eu digo-te que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja..."¹ É sobre a pedra que vai se fundar o discurso, é a Muiraquitã o eixo em torno do qual vai se articular toda a heróica aventura de Macunaíma. É o resgate da língua, da alíngua enquanto fundante, que será a grande empresa do herói, que, ao em-prender-se nesta aventura vai então apreender o caráter de fundação de sua empreitada, empreitada esta possível apenas como abrir mão de todo e qualquer caráter - Macunaíma, o herói sem nenhum caráter.

"No princípio era o verbo..."²

Ao se forjar na própria linguagem, é a reconquista da Muiraquitã perdida que vai servir de referência para toda a trajetória constitutiva do próprio personagem - "nome principiado com Ma tem mã sina..."³ - Macunaíma - aquele que abrindo mão de toda a moralidade, ousa empreender tal caminhada, proibida, e que por assim ser, só poderia acontecer partindo de quem se dispusesse a romper com as almeçadas boas-sinas.

A pedra, meta última almejada por Macunaíma, poderíamos pensá-la como alíngua: aquilo a partir do que o discurso vai se constituir, vai ser construído. Muiraquitã perdida que se faz viva pelo arcaico bico, não boca, do tropical papagaio. Muiraquitã veloz, talismã perdido, vocábulo desconhecido e já inatingível - fala desaparecida - "só o papagaio no silêncio do Uraricoera preservava do esquecimento os casos e a fala desaparecida. Só o papagaio conservava *no silêncio* as frases e os feitos do herói."⁴ Estranha fala essa, impura, perturbadora, pertencente a um outro registro, para além das nossas organizadas estruturas gramaticais, puro efeito de algo que se nos coloca como intangível.

É enquanto aquele que teve o acesso a este 'único' sobrevivente, papagaio que pura e simplesmente repete os feitos do herói, feitos estes já olvidados pela memória mas que presentificam, o mais das vezes inesperada e estranhamente, essa eterna busca da Muiraquitã perdida, que Macunaíma vai se instituir enquanto personagem e sujeito de uma narrativa que insiste em resgatar a Muiraquitã, eterna, inalcançável e impossível, já que coloca em questão o acesso mesmo ao real, essa pedra-coisa sempre da ordem do inapreensível.

A Muiraquitã vem ocupar nessa tentativa de reconstrução de uma história que dê conta da origem, o lugar de alíngua que tenta sempre de alguma maneira, manifestar-se. Língua-indígena. Língua-mãe. Língua-latina.

E, nessa mesma história, a Muiraquitã - fruto-real da mãe-terra, acaba passando à mão de Venceslau Pietro Pietra - Muiraquitã latinizada - a pedra.

Pietro Pietra, colecionador de pedras, aprisionando a Muiraquitã, determina para ela um lugar específico em sua coleção, lugar cristalizado e estanque, que, mesmo sendo o mais privilegiado, é um lugar de engodo. É este o jesuítico trabalho de sistematização levado a cabo no período de colonização, com as línguas dos nossos indígenas, organizando-as em torno do tupi-guarani, cen

tro e referência organizada, única forma de se ter acesso hoje ao que era. A palavra latina toma posse do tupi-guarani, elaborando-o já a partir da perspectiva de um eixo latino, unificando coisas diversas, estabelecendo um dicionário que se constituirá na fonte única à qual se terá condições de recorrer para efetivar qualquer tradução, tradução que terá que forçosamente recorrer a ele, por não existir um acesso possível, outro, ao que foi unificado sob a égide do globalizante tupi-guarani. Ante tal transformação, ante essa completa impossibilidade de acesso a esse real enquanto ele mesmo, só resta como única forma de acesso ao que ele era, tomar como referência aquilo que os jesuítas, no seu laborioso intuito de catequização, estabeleceram.

Macunaíma no entanto se dispõe a tentar transpor esse fosso intransponível, obstáculo maior do acesso ao real encastelado.

Trazendo a mã sina em seu próprio nome, Mário de Andrade tenta empreender a caminhada por este desconhecido percurso em busca da Muiraquitã perdida, heróica (a)ventura de reconquista do Eldorado, tendo como sendas para guiá-lo, como trilhas para seguir, apenas a estereotipada repetição do papagaio, repetição que não sabe o que diz e nem mesmo que diz, repetição no entanto que indica e inicia, repetição indício e início de um trajeto.

E não é por acaso que a própria constituição de Macunaíma já é estranhamente pressagiada como *grande mal!*

Sim, quem será este que se dispõe a possibilitar e mesmo a deixar retornar esse estranho esquecido que, não fosse um bico que nem sabe ser um mensageiro, mas que mesmo não o sabendo, insistentemente repete, no desejo quem sabe de um dia ter condições de ser ouvido e reconhecido, condição a partir da qual a repetição pura e simples já não terá mais justificativa, já que, o que queria expressar-se, foi ouvido? Ora, não fosse este inusitado papagaio, nem se teria acesso a essa existência mesma, nem dessa pré-existência, hoje inalcançável, se teria notícia.

A mudez era tão intensa que espichava o tamanho dos paus no espaço. De repente, no peito doendo do homem caiu uma voz de ramaria:

- Curr-pac, papac! curr-pac, papac!...

O homem ficou frio de susto feito piã. Então veio brisando um guanumbi e boleboliu no beijo do homem:

- Bilo, bilo, bilo, lâ... tetéia!

E subiu apressado prás árvores. O homem seguindo o vôo do guanumbi, olhou para cima.

- Puxa rama, boi! o beija flor se riu. E escafedeu. Então o homem descobriu na ramaria um papagaio verde de bico dourado espiando prá ele. Falou:

- Dá o pé papagaio.

O papagaio veio pousar na cabeça do homem e os dois se acompanharam. Então o pássaro principiou falando numa *fala mansa, muito nova, muito!* que era canto e que era cachiri com mel-de-pau, que era boa e possuía a traição das frutas desconhecidas do mato.⁵

Empreendendo esse retorno, Macunaíma vai tentar falar é da construção mesma do próprio discurso: a pedra enquanto fundante da própria cultura, a pedra enquanto fundamental, a pedra vató que no atrito provocado, instaura o fogo.

Pedra. Fogo. Verbo.

A FORMAÇÃO DISCURSIVA

Discurso articulado em terceira pessoa, nitidamente brotando de uma primeira que no entanto ainda não se reconhece como sujeito, Macunaíma fala como um outro, como o faz a criança, primeira pessoa que ainda não tendo assumido seu lugar, se conjuga em terceira.

O discurso em Macunaíma vai ser tecido em um lugar limite, constituindo-se enquanto transição, na ponte - passagem entre fala e texto.

O seu discurso é primitivo, 'impuro', se articula em terceira pessoa, à maneira das crianças e povos primitivos, que ao se enunciarem o fazem como se fossem um outro. Palavras e coisas vão ter aí a mesma representação. Como Pietro Pietra colecionava pedras, Macunaíma colecionará palavrões; da mesma maneira que o gigante lhe joga pedras, o nosso herói lhe arremessa palavrões - a palavra é coisificada com a mesma tranqüilidade com que a coisa é representada, não sendo estabelecida uma diferença entre processos tão distintos, não sendo demarcadas as características de cada uma delas. A indistinção é absoluta. Na chegada de Macunaíma a São Paulo, não acontece uma reinserção em um outro universo, no vo. O nosso herói transpõe linearmente a significação que tem da selva para a cidade, mantendo-se no entanto, completamente atrelado a toda uma cadcia de significantes originariamente 'selvagem', sem permitir que haja possibilidade de qualquer deslizamento. Se o significado do elevador é apreendido, ele continua no entanto colado no "saqui-açu que o carregara pro alto do tapiri tamanho

em que dormira..."⁶ O tapiri mantém-se agarrado a esse lugar impedindo sua substituição pelo prédio. E dessa imobilidade do signifi-
ficante que se dá nesse momento, temos belos exemplos textuais:

- Quê mundo de bichos! quê despropósito de papões ron-
cando, mauaris, juruparis, sacis e boitatás nos atalhos
nas socavas nas cordas dos morros furados por grotões
donde gentama saia muito branquinha branquíssima, de cer-
to a filharada da mandioca!...

Enquanto criança, não tendo ainda assimilado as leis da gramática familiar, safadamente, Macunaíma não respeita as leis fundantes da cultura, a proibição do incesto e da antropofagia. Sofará, Iriqui ou o Currupira são indistintamente 'comidos' pelo herói. A fálica-mãe-Ci também não é respeitada, sua lei não é reconhecida por Macunaíma.

Vai ser a morte-de-Ci o que, através da possibilidade da realização do jogo da presentificação de sua ausência (que será representada pela Muiraquitã, uma vez perdida) que vai possibilitar ao herói sua caminhada de acesso ao discurso, à assunção de um sujeito que se conjugará finalmente em primeira pessoa.

E essa caminhada se dará ao ser perseguida essa pedra-fundante do discurso - a muiraquitã. E será através do traço da escrita que se dará essa passagem!

Em se pensando na estrutura narrativa em *Macunaíma*, é na "Carta prás Icamiabas", texto, escritura, que se instala uma mudança radical no discurso do personagem. Na busca do perdido tambetã, depois de feito homem, nosso herói "atravessou o reino encantado da Pedra Bonita"⁸, preciosidade da linguagem metaforizada em pedra.

Pedra. Fogo. Verbo.

Reconhecendo a existência de um terceiro elemento que rompa sua linear relação com as coisas, reconhecendo a própria consti-
tuição e tessitura textual como um outro, ao colocar o texto no lugar de um outro, que até então era ilusoriamente confundido por uma colagem com o seu lugar, o herói se assume como sujeito, sacanamente sem caráter, mas sujeito, eu, primeira pessoa em plenas condições de conjugar seu próprio discurso.

E vai se dar então a articulação discursiva do personagem! E o nosso herói vai articulá-lo então, sarcástica e sacanamente, ao seu modo, como quem sabe o preço que foi necessário pagar para poder fazer essa articulação. E é enquanto imperador que se dirige

às suas súditas.

Metáforas, metonímias e ironias circulam e deslizam então, na elaboração discursiva levada a cabo pelo imperador. Cacau e mil-réis, icamiabas e amazonas, entram no circuito de trocas engendrado pela linguagem, um pelo outro, o todo por uma parte preciosa, circulação esta enriquecida pela falta de caráter do herói, singularidade dele que particularizará o seu discurso.

Ao escrever, o personagem se sofisticava, recorria sarcásticamente aos clássicos e aos neologismos, aos galicismos ou às verdadeiras e puras importações vocabulares, recorria ao pilar máximo da nossa católica civilização ocidental, aportando até mesmo nas plagas azuis da antiga Grécia.

E, cumprindo mais uma vez sua *mã sina*, enuncia como se anunciasse ante um oráculo: "Breve seremos novamente colônia, da Inglaterra ou dos Estados Unidos da América."⁹

E nos toma pela mão conduzindo-nos por este imenso puteiro, São Paulo, que melhor se chamaria São Pedro, lugar de edificação, lugar de circulação da palavra, a mais burilada e bulinada pedra da nação, pedra-representante-mor da cultura nacional.

Com seu discurso, o nosso herói nos aponta ainda a possibilidade de verdades outras sempre por-vir... Como se nos dissesse:

"No meio da pedra tinha um caminho!"¹⁰

NOTAS

1. Evangelho segundo Mateus, cap. 16, ver. 18. In: *_. Bíblia Sagrada*. São Paulo, Edições Paulinas, 9a. edição, 1955. p. 1198.
2. Evangelho segundo João, cap. 1, ver. 1. In: *_. Idem*, p. 1283.
3. ANDRADE, Mário de. *Macunaíma* (o herói sem nenhum caráter). São Paulo, Livraria Martins Editora, 8a. edição, 1973. p. 80.
4. *Idem*, *ibidem*, p. 222. O grifo é meu.

5. Andrade, Mário. *Macunaíma*. op. cit., p. 221. O grifo é meu.
6. Idem, *ibidem*, p. 221-222.
7. Idem, *ibidem*, p. 51.
8. Idem, *ibidem*, p. 23.
9. Idem, *ibidem*, p. 105.
10. Paráfrase do poeta Carlos Drummond de Andrade feita por Miriam Borges de Araújo.